Margaridão do cerrado

Coquinho do cerrado

Araticum atacado por insetos

BRASIL

O VALIOSO AUXÍLIO DA ECOGASTRONOMIA E DA AGRICULTURA FAMILIAR

ARATICUM, PEQUI, JATOBÁ: ENCONTRADAS NA CAMINHADA PELO CERRADO, ESPÉCIES NATIVAS SERVIRAM DE BANQUETE EM EVENTO CONSERVACIONISTA

Por **Jussara Goyano** (TEXTO) – Fotos **Ricardo Alcará** (Cerrado) – **Samantha Pereira Lima** (Zoo)

Padre Bernardo, Goiás. Aqui e ali, o relevo plano lembra a savana africana. Entre maio e agosto, a vegetação pouco exuberante adquire os matizes ocre, verde e amarelo, característicos dos arbustos e árvores de médio porte. A seca castiga a região, afugentando os animais. Talvez por isso, o senso comum não tenha reconhecido, de imediato, a riqueza da biodiversidade do Cerrado brasileiro, um dos cenários para o Action Day no Brasil. O bioma abriga 10 mil tipos de plantas e 300 mil animais. Estima-se que, em apenas um hectare, possam ser encontrados 400 espécies vegetais. Entre os 195 mamíferos nativos, há pelo menos 18 que podem ser classificados como endêmicos. Mas, no último decênio, a destruição promovida pelo homem avançou 21 mil km^2 ao ano, reduzindo a área quase à metade – o que alçou esse processo degenerativo à triste lista dos 25 *hot-spots* de conservação no mundo inteiro.

O alarde pelo estrago (e as iniciativas públicas e privadas) são, contudo, insuficientes para este que é o segundo maior bioma brasileiro, equivalente a 23% da cobertura do país. Perto da mobilização em defesa da Mata Atlântica, terceira no *ranking* da ocupação (e com metade das dimensões do Cerrado), o esforço é ainda imperceptível. Há, porém, ações exemplares no envolvimento das comunidades locais e de seus saberes tradicionais para conter o avanço da pecuária e das monoculturas fatigantes. Povoado por um sem número de quilombolas e agricultores familiares, o Cerrado carece da interação Homem-Natureza que há gerações aplica técnicas de exploração sustentável. Métodos já reconhecidos por universidades e institutos de pesquisa como ideais para pequenas propriedades: agricultura e extração em menor escala, defensivos naturais e manejo orgânico, além do melhor aproveitamento da sazonalidade inerente aos exemplares nativos.

No assentamento Colônia I, em Padre Bernardo, demarcado em 1996 pelo plano nacional de reforma agrária, João Batista ensina: "É só deixar a natureza agir, que ela vai se recuperando". Ele se refere à nova e diversificada cobertura do assentamento, orientada pela tradição conservacionista e uma *mãozinha* técnica da Universidade Federal de Brasília (UnB). O sexagenário Teobaldo Rocha, agricultor e líder comunitário, bate no peito ao defender o papel dos colonos. "Somos nós que dizemos a eles [aos políticos defensores da reforma agrária] o que é possível preservar por aqui". Hoje, os 600 hectares da Colônia I abrigam 24 famílias distribuídas por diversas propriedades – uma terra antes ocupada por gado bovino, degradada por sucessivas queimadas e pelo avanço de um ralo capim. O evento de GEO ressaltou o que de melhor existe no latifúndio devastado – hoje com 200 hectares em preservação integral e permanente.

Conservacionistas ouvem o briefing

Andança, comida e debate – Durante uma manhã inteira, cerca de 50 pessoas (agricultores, cientistas, representantes governamentais, de ONGs, e universitários) participaram de uma caminhada que, logo nos 100 metros iniciais, revelou quase 50 espécies da flora do Cerrado. Algumas sequer conhecidas de parte dos convidados – gente vinda da capital Brasília, a meros 70 km dali, e parte, ainda, do bioma observado. No total foram identificados aproximadamente 100 tipos de plantas, variedade apreciável para uma área ainda em recuperação. Algumas espécies sobressaíram na refeição oferecida pela "Associação Sabor do Cerrado" – iniciativa de mulheres do Colônia I para a oferta de *buffets* típicos.

Viu-se e provou-se o araticum (*Annona crassiflora*), de sementes rodeadas de visgo (polpa) e casca espessa, comumente usado (e ali apresentado) em sorvetes; o pequi (*Caryocar brasiliense*) – pequeno e pican-

110-111_ActionDayNEW_BRASIL.indd 110 29/9/2010 15:05:51

Compota de Pequi

Ema do zoológico

te, para licores, compotas e arroz (como lá o conhecemos) – e o jatobá (*Hymenaea courbaril*), que dá farinha para enriquecer purês e outras receitas especiais.

Ela (a farinha de jatobá) foi o principal ingrediente de três pratos diferentes e de uma deliciosa sobremesa (petit gateaux adptado à culinária do Cerrado, com sorvete de araticum e bolo de babaçu – *Orbignya speciosa*), aprimorados por Marilde Cavalletti, *chef* do movimento ideológico Convivium Slow Food. Marilde conheceu as mulheres do Colônia I ao ser chamada para ajudá-las a criar diferentes *petit fours* para uma cesta de Natal que seria comercializada pela Central do Cerrado. "É ótimo saber que temos uma oportunidade de mercado que se encaixa tão bem na vida dessas mulheres", diz Marilde com orgulho, "e também é bom saber que isso ajuda a manter a biodiversidade do cerrado saudável, transformando nossa variedade em iguaria".

A Associação é mais do que um empreendimento – é uma verdadeira aula sobre sociobiodiversidade e economia sustentável. O Instituto Sociedade, População e Natureza (ISPN) apoia o assentamento e a entidade por meio de recursos do Programa de Projetos Ecossociais (PPP-Ecos), do governo brasileiro. Esquema de suporte do qual participa ainda a Central do Cerrado, uma cooperativa que comercializa os produtos do Colônia e de outras 34 comunidades.

Nos debates, uma conclusão: são necessárias diversas articulações para expandir os resultados do Colônia para outros assentamentos. Outro consenso: a biodiversidade deve ser o foco central de sérias discussões econômicas. "O que poderia ser uma solução para tirarmos esse tópico da conversa entre ecologistas, e estendê-lo a empresários visionários (e influentes)", conforme observa Luis Carrazza, coordenador da Central do Cerrado.

Lobos e cores – Durante a caminhada, os convidados também tiveram chance de ver a lobeira (*Solanum lycocarpum*), planta cobiçada pelos (quase extintos) lobos-guará (*Chrysocyom brachyurus*). Sem os seus frutos os animais adoecem por complicações renais. Rodeavam a propriedade, também, variedades de Lixeirinha, ou Bate-caixa – *Palicourea* sp. (*P. rigida*), da família *Rubiaceae* –, arbusto sempre verde, com flores de tubos coloridos do amarelo ao laranja, polinizadas por beija-flores. A família *Rubiaceae* é considerada a sétima mais rica do bioma Cerrado. O gênero *Palicourea* inclui cerca de 250 espécie de arbustos e árvores pequenas com ocorrência nos trópicos. Foi, enfim, uma caminhada inesquecível, iluminada pelo amarelo diferente, vivo, do Margaridão do Cerrado (*Montanoa bipirma tifida*) – sinal de que o bioma também sorri, de pura felicidade.

ZOOLÓGICOS MOVIMENTADOS

Outras atividades marcaram, em todo o país, o Dia de Ação em Prol da Biodiversidade. Quinze parques zoológicos exibiram exemplares da fauna brasileira por meio de jogos educativos e competições, em que milhares de crianças confeccionaram máscaras representando espécies animais. Em Manaus, 300 jovens realizaram passeios monitorados pelo Jardim Botânico Adolpho Ducke, nos arredores da capital amazonense.
O Zoológico de Brasília assinou um acordo de parceria com o seu congênere de Frankfurt, na Alemanha, para estimular o intercâmbio em pesquisas e educação.
Na capital paulista a programação teve lugar no Parque Trianon, lindo fragmento da Mata Atlântica , junto ao Museu de Arte de São Paulo (MASP), à margem da movimentada Avenida Paulista. Para (re)descobri-la, os transeuntes eram convidados a entrar no parque, e observar a fauna e a flora sob a orientação de professores da Universidade de São Paulo.
Tanto as atividades em Padre Bernardo, como os eventos nos zoológicos e no MASP, resultaram da parceria do Ministério do Meio Ambiente do Brasil com a Agência de Desenvolvimento alemã GTZ e a GEO-Brasil – iniciativa apoiada pelos ministérios alemães para Cooperação Econômica e Desenvolvimento (BMZ) e do Meio Ambiente, Conservação da Natureza e Segurança Nuclear (BMU).

110-111_ActionDayNEW_BRASIL.indd 111 29/9/2010 15:06:00